

# Uma carta para Márcia

“Entre as boas recordações de minha vida, duas me são particularmente queridas. A primeira, foi em Belo Horizonte. Costumava, quando mocinha, passar naquela cidade as minhas férias colegiais. Como meus primos eram muito amigos dos filhos do Clovis Magalhães Pinto, (marido de sua tia, Maria Luiza), ia todas as manhãs, assistir os treinos de voley no Olímpico, que na época era somente um pedaço do terreno da residência do Dr. Clovis.

Um ano após, retornando a Belo Horizonte para novas férias, encontrei o Olímpico com uma sede lá mesmo na Serra, em frente à casa de Roberto. Contou-me este, que a mesma havia sido cedida provisoriamente por seu tio Juscelino, na época prefeito de Belo Horizonte. Coincidentemente, naquele dia (era domingo), o “titio Prefeito” (como carinhosamente era chamado pelos associados) iria visitá-los. Foi lindo, Márcia, aquele homem simples, irradiando simpatia, distribuindo sorrisos, dirigindo uma palavra amiga a cada um de nós!...

A segunda aconteceu no Rio, em um período bastante difícil para nós. Meu tio, Fernando Lobo, uns meses antes, (quando era embaixador do Brasil junto a OEA) havia sofrido um derrame cerebral que o prendeu o resto de seus anos à uma cadeira de rodas. Foi durante o governo de Jânio Quadros, pouco antes da malfadada revolução de 1964.

Muito amigo de seu pai (pelo menos era o que me parecia) todas as vezes que ouvia alguma notícia sobre ele, tio Fernando chorava copiosamente. Uma tarde, para grande alegria de meu tio, seu pai apareceu para visitá-lo. Os dois amigos se abraçaram com um carinho imenso e choraram como duas crianças. Foi uma cena emocionante e inesquecível!

Neste dia, Márcia, comecei a ver seu pai com outros olhos. Ele não era para mim apenas um político dinâmico e capaz, e sim um ser humano belíssimo! Aprendi a amá-lo e a respeitá-lo,

apesar de nunca ter sido sua eleitora. E é por isso que hoje escrevo à “filha de Juscelino”

Ao contrário, do que dizem os seus amigos (serão mesmo?), não são as pessoas que não têm possibilidades de se eleger que querem sua cassação, não mesmo! São eles mesmos, os seus “supostos amigos” que fazem isso, abusando de sua pouca experiência política (o fato de você ser filha de J.K. não implica que seja igual a ele ou que tenha a tarimba dele).

Eles sabem que para se candidatar por uma cidade é preciso que se esteja morando nela há um ano pelo menos. Isso é lei, Márcia, e “lei é para todos”, não para uma minoria...

Eles viram em você uma candidata que não só se elegeria, como elegeria outros consigo. Aproveitaram-se então da sua boa fé, fraudando seu domicílio eleitoral; não só eles como você mesma sabe que não mora há um ano em Brasília, conforme querem fazer crer.

Eu parablenzo, a este juiz, Dr. Simão, que enfrentando a “ira dos poderosos”, cassou o seu título não permitindo que a justiça fosse maculada com essa burla. Isto me trouxe novo alento, pois vi que ainda existem no Brasil, homens decentes e dignos.

Não Márcia, não! A filha de Juscelino, não pode se permitir iniciar um mandato iludindo a justiça, ludibriando a esse povo, que seu pai tanto amou! É imoral! Seu pai não aceitaria nunca isso! Impeça a seus correlegionários (e principalmente a seu primo Carlos Muri-lo) tal farsa e principalmente esse jogo emocional que estão fazendo, para comover a esse pobre eleitor que vota, sem nem sequer saber o que é, ou que fazem os 3 Poderes da República (coisas do Brasil...). Tenha paciência, Márcia, fique esses anos em Brasília (ganhando seu domicílio eleitoral) e candidate-se nas próximas eleições. Você se elegerá, tenho a certeza, mas com dignidade.

Heloíza de Almeida  
Magalhães Fagundes